

UM OLHAR SOBRE A MULHER E OS FUTUROS ACADÊMICOS: AS REDAÇÕES DO VESTIBULAR DA UFAC COMO PORTA ENTREABERTA PARA ESPIAR O OUTRO

Glória Maria Gomes da SILVA (UFAC)¹

RESUMO: Este trabalho analisou aleatoriamente dez redações de alunos, homens e mulheres, aprovados no vestibular/2006 da Universidade Federal do Acre, que desenvolveram o tema: “a mulher e a construção de um novo paradigma social”, e observou que, independentemente de sexo, os futuros acadêmicos mantêm a ordem discursiva produzida ao longo da história e vêem a mulher como mãe, esposa e dona-de-casa, mas que está em constante luta contra os homens, e que, para ter um espaço, precisa trabalhar em cargos que eram exclusivamente deles. Os vestibulandos entendem liberdade feminina como sinônimo de autonomia financeira e realização profissional.

ABSTRACT: This work analyzed casually ten compositions from students, men and women, approved in vestibular in 2006 at Universidade Federal do Acre, that developed the following topic: “The woman and the construction of a new social model”, and noticed that, no matter sex, the future students keep the communicative order produced along the history and see the woman as mother, wife and housewife, but she is always contesting men. She needs to work in men functions to get a place. The candidates to vestibular understand women’s freedom as financial liberty and professional achievement.

Abrir as portas de uma prática discursiva como a redação de um processo seletivo como o vestibular de uma universidade pública para olhar o outro requer, para pensar nos efeitos produzidos entre os interlocutores desse processo, responder a perguntas como **quem fala, a quem fala, quando fala, onde fala, e o que significa o que se fala**. Partindo das condições de produção desses enunciados, temos a possibilidade de conhecer os diferentes sujeitos envolvidos nesse processo de interação.

Pensando em que **quem fala** é um candidato a uma vaga na universidade pública, formado nos moldes da sociedade moderna, que **fala para** um leitor específico que o avaliará -- o corretor --, escrevendo em **um texto formal de língua portuguesa, no século XXI, o que significa** identificar, conceituar, representar a mulher moderna da atualidade? Que formação discursiva desvela esse enunciatador? Uma herança de uma criação social e cultural que educa homens e mulheres, nos mais diferentes espaços (família, escola, igreja, mídia, etc.), para ver a mulher como um ser diferente do homem (frágil, pela doçura, amabilidade, maternidade, e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, forte, pela luta, bravura, coragem), mas que pode, pela luta, ocupar o mesmo espaço que ele ocupa no campo profissional, sem perder sua essência (mãe e esposa), ou apenas uma influência do gênero redação/dissertação para o vestibular? De que posição-sujeito o enunciatador está falando?

Hão que se considerar, neste caso, pelo menos duas posições-sujeito², ou até mais, para se pensar nas escolhas dos enunciados que aqui serão elencados: um sujeito centrado nas revoluções tecnológicas que ao mesmo tempo tenta, numa relação dialética, unir o lado humano à máquina, igualando a mulher ao homem, numa relação de homem e trabalho, em que ela é ou pode ser tão forte e competente quanto ele neste mundo globalizado, de informações e inovações tecnológicas, que se concretizam no campo profissional, mas também diferenciando mulher e homem pelo lado essencial dela, que é a maternidade, e esse atributo a torna mais doce, mais companheira, mais amiga, um sujeito que classifica e separa; e um outro sujeito que, numa competição cruel, está lutando pela sua aprovação no vestibular, o que representa uma possibilidade de progressão social e oportunidade profissional, e, como numa receita, reproduz o modelo que o cursinho preparatório e a escola ensinaram, como forma de persuadir o leitor, já que a instância de recepção é decisiva para o fator produção³, dizendo o que a memória discursiva das pessoas desta época reproduz, repetindo a ordem⁴ estabelecida para a representação desse ser mulher das lutas e das conquistas sobre o ser homem.

¹ Glória Maria Gomes da Silva – Professora do Curso de Letras da UNINORTE e mestranda do Curso de Mestrado em Linguagem e Identidade da UFAC.. E-mail: glorinhagomes@bol.com.br / glorinhags@hotmail.com

² Ver FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972.

³ Idem, *ibidem*.

⁴ Ver FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

Pensar nessas diferentes posições-sujeito que olharam a mulher significa lembrar que “olhar é sair de si e trazer o mundo para dentro de si”⁵, representa dizer que esse sujeito traz para o seu olhar sua composição, sua formação, por isso é preciso pensar que esse sujeito constituiu-se dentro de um mundo que está fragmentando o indivíduo moderno e deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas⁶, é um sujeito que já não se vê como um sujeito unificado.

Se os sentidos são opacos e dados pelas diferentes posições-sujeito⁷, olhar a mulher e o vestibulando através das redações requer observar que nessa prática discursiva a possibilidade de sentido é guiada por uma formação discursiva que, independentemente de sexo, repete o discurso social da atualidade, recheado de outros discursos, englobando o religioso, o biológico, essencialista, o romântico, quase mitológico, e que se complementa pelo feminista e produz efeitos esperados pela ordem estabelecida pelos aparelhos de poder⁸.

Mas como representar um sujeito (mulher) que tem buscado uma redefinição de sua identidade, seja dizendo haver igualdade com os homens seja proclamando sua especificidade em relação a eles, e nega a representação que lhe vem sendo feita de sexo frágil, inferior, conforme foi definida pelos homens ao longo dos tempos? É uma discussão que requer pensar as identidades modernas com uma nova configuração que descentraliza o sujeito, um sujeito que está em constante movimento, na fronteira dos lugares, configurando-se, reescrevendo-se. Discutir identidade nos dias atuais requer ter noção de multiculturalismo e conhecer a forma como os sujeitos se representam enquanto homens e mulheres no mundo; requer entender como os sujeitos se pensam e se vêem, agora, hoje, fragmentados, e não mais como um sujeito integrado, sólido; requer compreender esse processo de fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que está transformando as identidades pessoais⁹.

Pensando nesse sujeito moderno, que trabalha, estuda, viaja pelos quatro cantos do mundo, que pertence a ao mundo todo e não a um só lugar, que recebe informações sobre tudo e todos em tempo real, que se vê como parte da família, parte da sociedade, parte do mundo, de sociedades caracterizadas pela diferença, atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes *posições de sujeitos*¹⁰, isto é, identidades, vale pensar no sujeito híbrido¹¹, nas identidades compósitas que cada vez mais vêm caracterizando os sujeitos fragmentados, descentrados, identidades que se movem e se transformam continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Identidade definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos¹². Daí ter-se um sujeito moderno que em um momento se define pela raça, em outro pelo sexo, em outro pela profissão, pela idade, pela nacionalidade, pela classe. Esses conceitos revelam como os vestibulandos representam a mulher, sujeito tão compósito: mãe, esposa, filha, dona-de-casa, professora, motorista, médica, juíza, e tantas outras, e se representam ao produzir esses enunciados para a seleção do vestibular.

Entretanto, pensar em quem é o outro e em si mesmo não é tarefa fácil, e expressar esse pensamento através de palavras deixa-nos sempre com uma interrogação acerca da escolha certa, do enunciado certo. Ao excluir uma gama de possibilidades, dentre todas as opções, e eleger uma palavra, um enunciado, estamos nos revelando a partir do que e do como dizemos algo e expressamos nosso pensamento, é o não dito saltando aos olhos, invadindo o espaço, através do que foi dito¹³. É buscar o sentido nas relações entre os sujeitos, entre as posições-sujeito, por isso é dizer que os discursos não são transparentes, eles são opacos¹⁴, que o sentido vai ser desvendado pelos sujeitos e, “nos dias de hoje, o direito à opacidade seria o indício mais evidente da não-barbárie”¹⁵. Seria um não precisar classificar, separar, identificar ou diferenciar, seria simplesmente conviver, numa sociedade que verdadeiramente se reconhece compósita e entende a noção de identidade sendo realizada em torno das tramas das relações, a qual compreende o outro como inferência.

⁵ Ver CHAUI, Marilena. **Janela da alma, espelho do mundo**. In: NOVAES, Adauto et al. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

⁶ Ver HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

⁷ Ver FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.

⁸ Ver FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

⁹ Ver HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

¹⁰ Ver FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.

¹¹ Ver SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

¹² GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

¹³ DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, Pontes, 1987.

¹⁴ Ver FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.

¹⁵ GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

A prova de redação do vestibular da Universidade Federal do Acre, no ano de 2006, trouxe como um dos dois temas a serem desenvolvidos “**a mulher e a construção de um novo paradigma social**”. A partir da análise de dez redações, de candidatos homens e mulheres, escolhidos aleatoriamente, fizemos um levantamento das palavras (substantivos e adjetivos) e expressões utilizadas para representar, caracterizar, definir a mulher, com o intuito de determinar como os sujeitos que produziram os enunciados sobre a mulher nessa prática discursiva que é a redação do vestibular representam-se e representam a mulher.

Encontraram-se, nas dez redações, as seguintes palavras e expressões para identificar a mulher:

❖ Nomes (substantivos e adjetivos) : **fibra, coragem, competência, guerreiras, corajosas, companheiras, amigas, luta, conquista.**

❖ Expressões: **objeto de uso da violência e do preconceito machista, figura da mulher, chefe familiar (no passado); propriedade do marido, chefe de estado (hoje), criatura divina, figura da esposa e mãe, herói feminino, ser dedicado à criação e à manutenção da vida, donas do lar, classe feminina, profissionais femininos, sexo feminino, sexo frágil, reprodutora de filhos e mãe de família.**

❖ Conceito (definição): **Ser mulher é ter coragem e saber lutar; mulher é instrumento de continuidade do sangue; mulher é estar disposta a ajudar e abraçar quem precisa; mulher é quem dá a vida, responsável de plantar o amor, sempre o amor, em primeiro lugar.**

Percebemos que os enunciados produzidos revelam uma polifonia em que se encontram, dentre outros:

❖ o discurso religioso em: **propriedade do marido, criatura divina, esposa e mãe, ser dedicado à criação e à manutenção da vida, instrumento de continuidade do sangue, quem dá a vida;**

❖ o discurso biológico, essencialista: **esposa e mãe, instrumento da continuidade do sangue, reprodutora de filhos;**

❖ um discurso romântico: **responsável pelo amor, dispostas a ajudar, e abraçar quem precisar, responsável de plantar o amor,** discurso esse carregado de um romantismo mítico até, quando esses enunciados nos remetem às guerreiras amazonas, ao se atribuírem à mulher características como: **guerreiras, fibra, coragem, saber lutar, herói feminino, corajosa;**

❖ e, acima de tudo, percebemos um discurso separatista, de gênero, que constrói uma barreira intransponível que separa mulheres e homens através de expressões como: **o sexo feminino, o sexo frágil, a classe feminina,** revelando uma estratificação social que discrimina os membros que compõem a sociedade conforme suas identidades sexuais (macho e fêmea / masculino e feminino) e que favorece o homem em quase todas as situações.

Alguns termos usados nas redações como: **criatura divina, propriedade do marido, esposa, mãe, quem dá a vida, sexo frágil,** são termos que vêm sendo usados há séculos a partir das Escrituras Sagradas e repetidos pela literatura. Outros termos como: **guerreiras, fibra, coragem, herói feminino, sexo feminino, saber lutar, classe feminina,** são termos que apareceram a partir de movimentos separatistas, feministas, que colocaram a mulher como um ser em constante luta pela afirmação de sua especificidade em relação ao homem, ou seja, diferente do homem, com um espaço próprio, seu.

Nesse caso, citando Muzskat, o **ser homem** e o **ser mulher** não são entendidos como apenas duas modalidades de **ser-no-mundo**, sendo masculino e feminino princípios diferentes de manifestação desse ser. Homens e mulheres são vistos não só como seres diferentes, mas, essencialmente, rivais, que estão em constante luta por um espaço no mundo.

Veja: **classe feminina x classe masculina; objeto de uso da violência e do preconceito machista; ter coragem e saber lutar; não precisamos de força braçal para fazer o que os homens fazem; exercer cargos masculinos; mostrar para esses homens; barbárie machista; libertar-se do jugo masculino.**

E as identidades de mulheres e homens vão sendo definidas pelas diferenças impostas ao longo da história, e essas identidades e diferenças vão sendo disputadas nas relações de poder que são expressas pelas escolhas dos enunciados materializados por uma língua que não passa de um sistema de diferenças¹⁶.

¹⁶ Ver SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Veja: mulher – **mãe**; mulher – **lutadora**; mulher – **sexo frágil**; mulher – **responsável pelo amor**; mulher – **guerreira** / homem – **machista**; homem – **rival**; homem – **carrasco**; homem – **vilão**.

Essas qualidades atribuídas a homens e mulheres, diferenciando-os, dão-se ao longo da história de forma conflituosa em que um tenta subjugar o outro e as lutas entre os sexos demonstram essa guerra que nega a possibilidade de conhecer o outro e com ele conviver e não anulá-lo, destruí-lo.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença vão implicando as operações de inclusão e exclusão¹⁷. Nesse contexto, algumas redações repetem o discurso que separa homens e mulheres e incluem o homem como o grande vilão dessa história, o opressor, o carrasco, nunca um aliado, nunca um ser que completa o ser mulher e vice-versa, e que com ele compõe a espécie humana, e a mulher é incluída como sendo a oprimida, que deve lutar contra esse vilão, sem perder seu lado materno, amoroso; o homem é excluído como uma pessoa boa, amoroso, companheiro e a mulher é excluída do mundo dos negócios, do mundo frio e brutal. Outras redações representam a mulher como um ser tão competente e capaz quanto o homem e que, por isso, precisam provar essa competência profissional assumindo cargos classificados como masculinos, para conquistar um espaço no mundo.

Ao identificar as escolhas feitas para representar a mulher, percebemos que a identidade homogênea é permanentemente assombrada pelo Outro¹⁸, pelas outras identidades que a tornam híbrida, compósita e que as relações fixas e congeladas são dissolvidas. A mulher vem deixando de ser representada apenas como mãe, esposa e dona-de-casa, as relações com o campo profissional e lado guerreiro, lutador, independente do sustento material e emocional do homem vêm compondo a mulher do mundo moderno, que ainda está à procura de seu espaço, de seu lugar, por isso a constante aparição da palavra **luta** nos enunciados, evidenciando uma fronteira que marca o não pertencimento da mulher neste mundo ainda; ela está, pois, no entrelugar¹⁹, num lugar que não a define somente como mãe ou esposa, que também ainda não a define como trabalhadora de qualquer profissão. Ela está à margem da história, à sombra dos homens, como se fossem serem totalmente diferentes, como se a história não tivesse sido construída pelos dois.

A luta para conquistar esse espaço revela como as incertezas de não ter um chão, uma raiz, desordena a noção do universal. Essa luta marca as turbulências por que passa o homem moderno, obrigado a compreender as relações que ditam as regras de um mundo novo que não deve excluir, mas antes se comunicar com o outro, dialogar com o mundo e que deve surpreender-se com todas as possibilidades de ser e de estar sendo no mundo.

Essa nova composição da mulher neste mundo moderno, que antes já era compósita: mãe, esposa, dona-de-casa, agora também trabalhadora profissional, independente financeiramente, lutadora, guerreira, demonstra uma identidade que se expande para todos os lados, pois se relaciona com várias outras identidades, por isso é antes a identidade rizoma, que se estabelece nas extensões, apontando para a necessidade de abirmos o imaginário de cada um de nós para algo novo, transformando a idéia de que a identidade deva ser uma raiz única, fixa e intolerante²⁰.

Algumas redações revelam sujeitos que entendem a mulher como um ser que deve conquistar um espaço no mundo e que esse espaço a liberta, a torna independente do homem, porque a liberdade está na profissão, no trabalho, é uma liberdade financeira.

Veja: deixou de ser mera dona de casa, esposa e mãe; exercer cargos masculinos; chefe de estado; receber o mesmo salário que os homens recebem; a mulher ganha menos; mulheres em cargos antes apenas masculinos; profissionais femininos; participação feminina.

Enfatizando, é claro, que esse campo de libertação, de igualdade, que, supõe-se, se dá através do trabalho, deve ser incontestavelmente, de acordo com as redações, em profissões ou cargos entendidos como masculinos, daí citações de profissões como: **juíza, senadora, presidente, doutoras, administradoras de empresas**, e outras que fazem da mulher um ser tão forte e poderoso quanto o homem, repetindo o discurso que separa homem e mulher, uma vez que assumir essas profissões parece colocar a mulher no lugar

¹⁷ Ver SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

¹⁸ Idem, ibidem.

¹⁹ SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

²⁰ GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

do homem, como uma vitória na luta contra ele, e não mostrar um lugar que pode ser tanto dela como dele, porque não há diferença entre os dois.

Esse “fazer-se tão forte e poderoso como o homem” reafirma a relação entre identidade, diferença e poder. O poder de classificar, agrupar, separar, num jogo de disputas e de imposições no qual nada, nunca, é inocente, por isso a presença constante, nas redações, da necessidade da busca por uma profissão classificada como sendo masculina, a profissão que dá o poder de ordenar, ditar, mandar, diferenciar, não ser mais igual, ser superior, o que revela um discurso ainda da luta, pois a mulher, ao que parece, quer chegar a essas posições, na profissão, para continuar as mesmas separações feitas por homens que detêm o poder, mantendo a ordem dominante.

Os futuros acadêmicos, independentemente de sexo, mantêm a ordem discursiva produzida ao longo da história e alguns vêm a mulher a partir de uma posição essencialista que a identifica como mãe, presa à função da maternidade, e dona-de-casa, escrava dos serviços domésticos e da família, filhos e maridos, relegada à “condição” de mulher. E outros, ao usarem palavras como **heroína, lutadora, vencedora, batalhadora**, revelaram uma visão romântica da mulher, comparada às mitológicas guerreiras amazonas, uma vez que a mulher está em constante luta contra a submissão, a subjugação ao sexo oposto (**sexo feminino X sexo masculino**), que massacra e escraviza, e que é o cruel vilão da história, o anti-herói, o homem, separando os seres humanos em duas classes: a da mulher e a do homem.

Alguns textos revelam a separação total entre homens e mulheres e dão continuidade à idéia da eterna e constante luta entre os sexos, em que homens e mulheres são entendidos como rivais (**de um lado a mulher, tentando mostrar seu valor, do outro o homem, querendo que ela reconhecesse e permanecesse quieta e resignada no seu lugar**), tendo estas que vencer sempre batalhas no dia-a-dia para equiparar-se àqueles, principalmente no campo profissional, pois é nesse campo, segundo esses enunciados, que a mulher conquista a liberdade, a igualdade, o seu espaço no mundo, desde que exerça cargos tidos como exclusivos dos homens, revelando que alguns vestibulandos entendem, ou foram levados a entender, liberdade feminina como sinônimo de autonomia financeira e realização profissional, lembrando sempre, desde que sejam profissões antes consideradas masculinas: **“A mulher – este herói feminino – descobriu sua própria forma de lutar, não uma luta corporal, mas moral e justa.”**

Os efeitos produzidos nos discursos levam a, pelo menos, dois caminhos: um parte da posição-sujeito que está produzindo uma prática discursiva com um fim específico que é a aprovação no vestibular, por isso reproduz, tanto nos textos de homens quanto nos textos de mulheres, a formação discursiva da ordem estabelecida atualmente, numa relação maniqueísta em que a mulher representa o bem e o homem, o mal. Outro parte da posição-sujeito que vive numa sociedade que tem o trabalho como único objetivo de vida, como única maneira de realização e de felicidade, por isso, também em textos de homens e de mulheres, fazer parte do mundo do trabalho e altos cargos é a principal luta da mulher atual.

Essas duas posições-sujeito evidenciam também um acadêmico com identidade compósita, que se move e se transforma, demonstrando que somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente²¹, ora homem ou mulher, ora vestibulando, ora indivíduo que participa de uma sociedade em transformação, ora profissional, pensando em sua escolha no curso superior.

Veja: conseguimos provar para a sociedade que não precisamos de força braçal para fazer o que os homens fazem; com o passar do tempo, paulatinamente, esse cenário (a mulher sempre teve limitações jurídicas) foi mudando, principalmente nos Estados Democráticos de Direito; não podemos dizer que a função da mulher é só na parte doméstica da casa, e nem viver submissa ao homem; somos nós que damos a vida, nós somos responsáveis de plantar o amor.

Enfim, devemos pensar uma identidade não mais como uma identidade raiz, fixa, profunda mas como uma identidade rizoma²², aberta à extensão, como um centro e não como um sujeito fechado para o mundo, e sim como um diálogo com o outro, com o mundo. O sujeito não precisa apagar o eu, mas sim se comunicar com o outro (**Isso fez surgir uma nova sociedade, na qual ela (a mulher) tem os mesmos direitos e deveres dos homens; o homem vem cada vez mais aceitando a esta nova sociedade em que homens e mulheres estão construindo juntos**).

²¹ Ver HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

²² GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

Referências bibliográficas

CHAUI, Marilena. **Janela da alma, espelho do mundo**. In: NOVAES, Adauto et al. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

DUCROT, Oswald . **O dizer e o dito**. Campinas, Pontes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.